

Tradução

ILLENES: ANINEXPLOITED MINE¹ – VIRGINIA WOOLF

Doença: uma mina inexplorada – Virginia Woolf

Gustavo Hessmann Dalaqua*

Resumo: Neste ensaio, Woolf aponta para uma grave cegueira da teoria estética. Ao insistir que trata unicamente das questões do espírito, a arte negligencia sua factualidade. Woolf lembra que o espírito que escreve é um espírito encarnado, submetido, pois, às condições biológicas e materiais de seu entorno. A autora propõe a criação de “uma filosofia robusta”, que não ignore a ligação inerente entre pensamento e realidade histórico-social. Em muitos aspectos, este ensaio antecipa temas que a inglesa retomaria em *A room of one's own*, série de palestras proferida na Universidade de Cambridge que atenta para a importância das condições materiais na criação não só da literatura como de toda e qualquer obra de arte.

Palavras-chave: Woolf; corpo; espírito; linguagem; filosofia; arte.

Abstract: Woolf points out in this essay a deep blindness of aesthetic theory. By stressing that it is all about spiritual issues, art neglects its factuality. Woolf remarks that the spirit who writes is an embodied spirit, thus inevitably subjected to its biological and material background. Woolf advances “a robust philosophy”, one that does not ignore the entwinement of thinking and social-historical reality. In many ways, this essay anticipates topics that would be further developed in *A room of one's own*, a series of lectures delivered at the University of Cambridge where Woolf emphasized the importance of material conditions for the crafting not only of literature but also of any work of art.

Keywords: Woolf; body; mind; language; philosophy; art.

¹ Cópia digitalizada do original (WOOLF, Virginia. “*Illness: an unexploited mine*”. In: *Forum*, abril de 1926, pp.582-590) encontra-se disponível em: <http://www.unz.org/Pub/Forum-1926apr-00582>. Salvo os casos em que comprometia a inteligibilidade do texto, a pontuação original da autora foi mantida, a fim de preservar a qualidade estética do artigo.

*Mestrando em Filosofia pela UFPR. Contato: gustavodalaqua@yahoo.com.br

Se considerarmos o quão comum é a doença, quão terrível é a mudança espiritual que ela acarreta, quão medonhos, quando as luzes da saúde se apagam, são os países virgens que se descerram, as ruínas e desertos d’alma que um leve ataque da influenza traz à tona, os precipícios e relvas regadas de resplandecentes flores que um pequeno aumento de temperatura revela, os carvalhos antigos e obdurados que se nos desenraizam no ato da doença, como adentro o abismo da morte descemos e sentimos as águas da aniquilação bem acima de nossas cabeças e despertamos jurando nos encontrar na presença de anjos e querubins quando temos um dente extraído e, voltando à superfície da cadeira do dentista, confundimos o seu “Abra a boca – abra a boca” com as boas-vindas da Divindade a se inclinar do chão do Céu para nos acolher – quando pensamos nisto e numa infinidade mais, como tão frequentemente somos forçados a pensá-lo, parece deveras estranho que a doença não tenha, junto com o amor, a batalha, a inveja, tomado seu posto entre os temas primordiais da literatura. Romances, pensar-se-ia, teriam sido dedicados à Influenza; poemas épicos à Tifóide; odes à Pneumonia, Apendicites e Câncer; cânticos à Dor de Dente. Mas não: com algumas poucas exceções – de Quincey arriscou algo do tipo em *Confissões de um comedor de ópio*; deve haver um volume ou dois sobre doença espalhados pelas páginas de Proust – a literatura se esforça ao máximo para sustentar que sua preocupação é com o espírito; que o corpo é uma camada de vidro límpido através da qual a alma enxerga clara e distintamente e que, salvo uma ou duas paixões tais como o desejo e a cobiça, ele é nulo, insignificante e inexistente.

É, ao contrário, justamente o oposto que é verdadeiro. Todo dia, toda noite, o corpo intervém; afrouxa ou aguça, colore ou descolore; nos faz como cera no calor de Junho, nos endurece como sebo nas trevas de fevereiro. A criatura interior pode apenas contemplar pelo vidro – manchado ou rosado. Ela não pode por um instante sequer separar-se do corpo, tal qual a bainha de uma faca ou a vagem de uma ervilha. Ela deve enfrentar a inteira procissão de infinitas mudanças – calor e frio, conforto e desconforto, fome e saciedade, saúde e doença – até que a inevitável catástrofe se suceda: o corpo se estilhaça em pedaços e a alma (é o que dizem) se liberta.

Porém, de todo este drama diário do corpo não há registro algum. As pessoas escrevem sempre sobre os feitos do espírito, os pensamentos que o acometem; seus planos nobres, de como ele civilizou o universo. Elas o situam na torre de marfim do filósofo, a ignorar o corpo. Ou a chutar o corpo, como uma bola de couro surrada, na busca de alguma conquista ou descoberta, por entre léguas de neve e deserto. Aquelas grandiosas guerras que trava contra si mesmo, com o espírito feito escravo na solidão de um quarto atacado pela febre ou assolado pela melancolia, são negligenciadas. A razão para tanto não é difícil de se encontrar. Para encarar estas coisas diretamente seria necessária a coragem de um domador de leão – de dez mil domadores de leões –, pois esses leões estão dentro e não fora de nós. Seria preciso, sobretudo, uma filosofia robusta e uma razão enraizada nas entranhas da terra. Sem elas, esse monstro, esse milagre do corpo e da dor, em breve nos faria afundar em misticismo ou ascender com rápidas batidas de asas aos arrebatamentos do transcendentalismo.

Falando de modo mais prático, o público diria que um romance dedicado à influenza careceria de enredo. Eles reclamariam que não haveria amor nele, todavia erroneamente, porquanto não é incomum que a doença se disfarce de amor e realize as mesmas artimanhas estranhas, dotando de natureza divina certos rostos, nos fazendo esperar hora após hora com ouvidos ouriçados pelo ranger de uma escada, e decorando os rostos dos ausentes (na saúde, modestos o bastante, Deus que o diga) com uma nova expressão, enquanto que o espírito brinca com eles e lhes compões lendas e romances que jamais teria tempo ou liberdade de imaginar na saúde.

Finalmente, dentre os inconvenientes da doença enquanto questão literária, há a pobreza da linguagem. O inglês que é capaz de expressar os pensamentos de Hamlet e a tragédia de Lear não possui palavras para o calafrio e a dor de cabeça. Seu crescimento orientou-se todo em uma direção. A garota do primário, quando se apaixona, tem Shakespeare, Donne, Keats para exprimir seu estado de espírito; mas deixe um sofredor tentar descrever a dor em sua cabeça para o médico e a linguagem de pronto escasseia. Nada lhe há de prontamente disponível. Ele próprio é obrigado a cunhar palavras e, tomando sua dor numa mão e um carço de puro som na outra (como talvez os habitantes de Babel faziam no início), esmagá-los um contra o outro de modo que assim uma palavra nova em folha surja ao fim, que será algo risível. Pois quem de nascença inglesa pode tomar semelhantes liberdades com a língua? Ela é uma coisa sagrada para nós e, portanto, condenada a morrer; a não ser que os americanos, cujo gênio é muito mais feliz na feitura de novas palavras do que na hábil disposição das velhas, venham em nosso socorro e ponham as molas em funcionamento novamente.

Porém, não é apenas de uma nova língua que precisamos – primitiva, sutil, sensual, obscena –, mas sim de uma nova hierarquia das paixões. O amor deverá ser deposto em favor de uma temperatura de quarenta graus. A inveja cederá seu lugar às pontadas do nervo ciático; a sonolência representará o papel de um vilão e o herói transformar-se-á em um líquido branco de gosto doce, aquele príncipe poderoso com olhos de mariposa e pés de penas, cujo um dos nomes é Cloral.

Mas retornemos ao enfermo. “Estou na cama com influenza,” ele diz, e reclama que não recebe compaixão alguma. “Estou na cama com influenza,” o que isso comunica desta grande experiência? Como o mundo mudou de forma: as ferramentas do trabalho distanciaram-se; os sons de um festival romântico se ouvem como um carrossel atrás dos campos. E os amigos mudaram, alguns ganhando uma estranha beleza, outros deformados como sapos atarracados, ao passo que todo o horizonte da vida parece remoto, reto, silencioso como a costa vista de um navio em alto mar. Ele agora está elevado sobre um pico e não precisa de ajuda, quer seja dos homens ou de Deus, e agora rasteja sem energia, satisfeito com a sacudida de uma emprega doméstica. Esta experiência não pode ser comunicada e, como sempre acontece com essas coisas bobas, seu próprio sofrimento não serve senão para despertar memórias nos espíritos de seus amigos de suas próprias influências, seus sofrimentos e dores que em fevereiro último não derramaram lágrimas e que agora, desesperada e ardentemente, esperneiam pelo alívio divino da compaixão.

Mas compaixão não podemos ter. O Grande Sábio do Destino é que diz não. Se suas crianças, cujos fardos já são pesados o bastante, também tomassem para elas mais este peso, acrescentando pela imaginação as dores alheias às suas próprias, prédios cessariam de ser construídos, estradas regressariam a matagais, presenciáramos o fim da música e da pintura. Um único e grande suspiro levantar-se-ia para o Céu e as únicas atitudes disponíveis para homens e mulheres seriam as de horror e desespero. Do modo como está, tem-se sempre uma pequena distração – um afiador de órgãos na esquina do Hospital, uma loja com um livro ou quadro que nos induzem a perder o caminho da prisão ou da casa-de-trabalho [*workhouse*]¹, alguma loucura de um gato ou de um cão que evita que componhamos com aquele hieroglífico de angústia do velho mendigo pergaminhos de sofrimentos sórdidos. Destarte, o vasto esforço de compaixão que os generais da dor e disciplina, esses símbolos secos da mágoa, nos solicitam a exercer em seus nomes é com algum incômodo postergado para uma outra hora.

A compaixão hoje em dia é administrada pelos retardatários e fracassados, mulheres em sua maior parte (nas quais o obsoleto habita tão estranhamento lado a lado com a anarquia e a novidade) que, tendo abandonado a raça, dispõem de tempo para gastar com excursões fantasiosas e não lucrativas. C. L., por exemplo, senta defronte à lareira de um quarto de doentes bolorento e cria, com toques simultaneamente sóbrios e imaginativos, o guarda-fogo da enfermaria, o pão, a lamparina, a caixinha de músicas do oeste e todos aqueles contos de donas-de-casa ingênuas com escapadelas e babados; A. R., a impetuosa, a magnânima, que se você desejasse uma tartaruga gigante para lhe alentar e uma tiorba para lhe animar, revistaria todos os mercados de Londres e os obteria de algum modo, embrulhados com papel-presente, antes do fim do dia; a frívola K. T., que vestida em seda e plumas, pintada e maquilada (o que também requer tempo) como se fosse para um banquete de reis e rainhas, dispensa todo o seu brilho na penumbra da enfermaria e faz, com seus mexericos e mímicas, que os vidros de remédio badalem e as flamas disparem.

Mas semelhantes tolices já tiveram seus dias contados; a civilização aponta para um caminho diferente. Se as cidades do Oriente Médio hão de brilhar com luz elétrica, o sr. Insull “deve manter vinte ou trinta contratos todos os dias de seus meses úteis” – e, então, que lugar haverá para a tartaruga e a tiorba?

Existe, permita-nos confessá-lo (e a doença é a grande confidente), uma franqueza infantil na doença. Nela dizem-se coisas e escancaram-se verdades que a respeitabilidade prudente da saúde esconde. Sobre a compaixão, por exemplo; podemos dispensá-la. Aquela ilusão de um mundo moldado de modo a evocá-la em cada risada e cada lágrima, de seres humanos tão intimamente imbricados por necessidades e temores comuns que a torção de um pulso contrai o do próximo, onde,

¹ Opto aqui por uma tradução *ipsis literis* porque “hospício” e “casa de correção” (termos correspondentes às traduções usuais) são inadequados para designar a *workhouse*, porquanto esta não era exclusivamente um local de abrigo de loucos ou delinquentes. Era, antes, uma instituição pública destinada a recolher e disciplinar, através da religião e do trabalho, os desempregados (não necessariamente delinquentes ou loucos) que passaram a tumultuar as ruas das cidades inglesas do século XVII em diante (N. T.).

não importa quão estranha seja sua experiência, outras pessoas a tiveram também, onde, não importa o quão fundo você penetre no seu próprio espírito, alguém estivera lá antes de você, – tudo isso é uma ilusão. Não conhecemos nossas próprias almas, que dirá a alma dos outros. Os seres humanos não caminham lado a lado por toda a extensão do percurso. Existe, em cada um, uma floresta virgem, emaranhada, intransitável; um monte de neve aonde até as pegadas dos pássaros são desconhecidas. Por aqui nós vamos sozinhos, e é melhor que assim seja. Seria intolerável ter sempre compaixão, estar sempre acompanhado, ser sempre compreendido. Todavia, na saúde, o fingimento cordial deve ser alimentado e o esforço renovado – comunicar, civilizar, dividir, cultivar o deserto, educar os nativos, trabalhar de dia em equipe e entreter os colegas de noite.

Na doença este faz-de-conta cessa. Sem rodeios imploramos pela cama, ou afundamos profundamente com os travesseiros em uma cadeira, a erguer, ainda que apenas um centímetro acima do chão, um pé com o apoio do outro. Cessamos de ser soldados no exército dos justos; tornamo-nos desertores. Eles marcham para a batalha. Nós boiamos com varas no rio. Vadiamos com as folhas mortas do gramado, irresponsáveis e indiferentes, dispostos, talvez pela primeira vez em anos, a olhar em volta, a olhar para cima – a olhar para o céu, por exemplo.

A primeira impressão desse espetáculo extraordinário é estranhamente irresistível. Em circunstâncias ordinárias, olhar para o céu por uma extensão de tempo qualquer é impossível. Pedestres serão estorvados e perturbados por um observador de céu em público. O pouco que dele vemos é mutilado por chaminés e igrejas, serve de pano de fundo para o homem, representa tempo bom ou ruim, borra janelas de dourado, e, rodeando os galhos nas praças de Londres, completa o *pathos* dos planos das árvores desnudadas no outono. Ora, quando, à maneira de uma folha ou margarida, deita-se e olha bem para cima, o céu revela-se tão completamente distinto do que realmente é que chega a ser chocante. Então tudo isto esteve acontecendo o tempo todo sem que nós o soubéssemos! Esta incessante criação e destruição de figuras, esta briga de nuvens desenhando comboios de navios e vagões grandiosos pelo céu, este incessante abrir e fechar de cortinas de sombra e luz, este experimento interminável com mastros de ouro e vultos azuis, com o velar e desvelar do Sol, com o fazer e desfazer de paredões de pedra, esta atividade sem fim com um dispêndio de energia de sabe-lá-Deus quantos milhões de cavalos-de-força destinados a trabalhar a seu bel-prazer ano após ano, e nós não o sabíamos. O fato parece reclamar por um comentário e, mais ainda, uma censura. Algum uso deve se fazer dele. Não se deve permitir que esse gigantesco filme rode perpetuamente para um cinema vazio.

Mas assistas um pouco mais e verá que outra emoção abafa os ímpetos de ardor cívico. Divinamente bonito, é também divinamente impiedoso. Recursos imensuráveis são usados para algum propósito que em nada diz respeito ao prazer ou ao lucro humanos. Se fôssemos todos largados de bruços, congelados e hirtos, o céu prosseguiria com seus experimentos de azuis e dourados. É, então, ao olhar para baixo, para alguma coisa muito pequena, próxima e familiar, que talvez encontraremos compaixão. Permita-nos examinar a rosa. Vimo-la tão frequentemente florescendo em coroas,

associamo-la tão frequentemente à beleza em seu mais vigoroso esplendor ou ao mês de junho, à juventude, que esquecemos como ela permanece firme e imóvel na terra ao decorrer de uma tarde inteira. Ela conserva uma compostura de dignidade e autocontrole perfeitos. O rubor de suas pétalas é de uma retidão inimitável. Talvez, por ora, uma deliberadamente feneça; por ora todas as flores, as violetas voluptuosas, as cremosas, em cujas carnes cêreas uma colher esparramou um redemoinho de suco de cereja, gladiolos, dalias, lírios, sacerdotais, eclesiásticas, flores com colares de seda cerimoniosos tingidos de damasco e âmbar – todas, com a exceção do pesado girassol, que orgulhosamente reverencia o Sol do meio-dia, e que talvez à meia-noite trate a Lua com descaso. Ali elas se firmam; e é com elas, as mais imóveis, as mais autosuficientes de todas as coisas, que os seres humanos estabeleceram companhia. Elas, que simbolizam suas paixões, decoram seus festivais e jazem (como se o pesar conhecessem) sobre os travesseiros dos mortos. Foi na natureza, esta maravilha de se narrar, que os poetas encontraram sua religião. As pessoas vivem no campo para aprender a virtude com as plantas. É porque são indiferentes que elas nos são reconfortantes. Aquele monte de neve no espírito, onde homem algum jamais esteve, rejubila-se talvez com uma simples nuvem, com uma flor justa, do mesmo modo como, em uma outra esfera, os grandes artistas, os Miltons, os Popes, nos consolam: não fazendo com que pensemos em nós próprios, mas com que nos esquecemos por completo.

Enquanto isso, com o heroísmo de uma formiga ou de uma abelha, não importa o quão indiferente esteja o céu ou quão desdenhosas estejam as rosas, o exército dos justos marcha para a batalha. A sra. Jones pega o seu trem. O sr. Smith conserta o seu motor. As vacas são conduzidas de volta para a vacaria para serem ordenhadas. Homens forram o telhado. Cachorros latem. As gralhas, subindo em rede, caem em uma rede sobre os olmos. A corrente da vida esparrama-se para fora infatigavelmente. Apenas aquele que se deita na grama sabe disto, afinal. A Natureza não se esforça em esconder que, no final, ela triunfará. O calor desertará o mundo. Rígidos de geada cessaremos de arrastar nossos pés pelos campos; o gelo acumular-se-á grossamente por sobre fábricas e máquinas e o sol consumir-se-á. Ainda assim, quando a totalidade da Terra estiver coberta de gelo, alguma ondulação, alguma irregularidade na superfície delinearão os limites de um antigo jardim, e ali, impelindo sua cabeça audaciosa em direção à luz das estrelas, a rosa florescerá, o açafraão queimará.

Porém com o anzol da vida dentro de nós devemos nos debater. Não podemos nos enrijecer placidamente em colinas hialinas. Mesmo aquele que deita na grama se sacode ao mero imaginar de geada sobre seus dedos e espreguiça-se a fim de colher para si a esperança universal – o Céu, a imortalidade. Certamente, visto que os homens vêm desejando essas coisas todos esses anos, eles terão dotado seus desejos de realidade. Algum ilhéu verde haverá para o espírito descansar, ainda que o pé não consiga se fincar por lá. A imaginação conjunta da humanidade terá estabelecido algum contorno firme. Mas nada disso. Abra o “Morning Post” e leia o que o Bispo de Lichfield tem a dizer sobre o Céu – um discurso vago, fraco, frouxo, inconclusivo. Observe os crentes fazendo fila para entrar na igreja, esses templos suntuosos onde, no dia mais frio do mais úmido dos campos, lamparinas estarão

queimando, sinos tocarão pontualmente, e não importa o quanto as folhas de outono dancem e os ventos suspirem, esperanças e desejos transformar-se-ão em crenças e certezas. Eles parecem serenos? Seus olhos transbordam a luz de sua sublime convicção? Algum deles ousaria, partindo de Beachy Head² voar diretamente para o Céu?

Ninguém a não ser um tolo levantaria tais questões. Eles se arrastam e rastejam, bisbilhotam e fofocam. A mãe está esgotada, as crianças saracoteiam, o pai está cansado. Os Bispos estão cansados também. Frequentemente lemos no mesmo jornal que a Diocese presenteou seu Bispo com um automóvel motorizado, que na premiação um cidadão exemplar apontou, o que é uma verdade óbvia, que o Bispo tem mais necessidade de um automóvel motorizado que qualquer outro de sua congregação. Mas esta disposição do Céu toma tempo e concentração. Ela exige a imaginação de um poeta. Largados por nossa própria conta, não podemos senão gracejar com isto – imaginar Pepys no Céu, entrever pequenas entrevistas com pessoas coroadas de penachos de timos. Em pouco tempo não resistiremos às fofocas de tais e tais amigos que foram para o Inferno ou que, pior ainda, regressaram de volta para a Terra e escolheram, já que não há mal em escolher, viver de volta e de volta, agora como homem, agora como mulher, como capitão marítimo, dama de corte, Imperador, mulher de fazendeiro, em cidades esplêndidas e grotões remotos, em Teerã e em Tunbridge Wells, ao tempo de Péricles ou de Arthur, de Charlemagne ou Jorge IV – viver e viver até que se esvaíam todas aquelas vidas embrionárias que nos acometem na flor da mocidade e que nos desertam face à sombra daquele tirânico “Eu”, que reina incontestemente no que compete a este mundo, mas que não conseguirá, se desejar for de alguma valia, usurpar também o Céu e condenar-nos, que aqui atuamos nos papéis de sr. Jones e sra. Smith, a permanecer como sr. Jones e sra. Smith para sempre. Largados por nossa própria conta, especulamos assim carnalmente. Precisamos que os poetas imaginem por nós. A obrigação de criar o Céu deveria ser indexada à ocupação de Poeta Laureado.

De fato, é aos poetas que recorremos. A doença nos deixa indispostos para as longas vigílias exigidas pela prosa. Não podemos comandar todas as nossas faculdades e manter nossa razão, juízo e memória vigilantes enquanto capítulos e mais capítulos desfilam uns sobre os outros, sendo que, à medida que um deles sossega em seu lugar, devemos nos posicionar à espreita para a vinda do próximo, até que toda a estrutura, – arcos, torres, ameias – suporte-se firme em suas fundações. A *História do Declínio e Queda do Império Romano* não é um livro para a influenza, tampouco o são *A Taça de Ouro* e *Madame Bovary*. Por outro lado, com a responsabilidade desabrigada e a razão suspensa – pois quem exigirá análises criteriosas de um inválido e sensatez de um homem acamado? – outros gostos se afirmam; súbitos, caprichosos, intensos. Saqueamos as flores dos poetas. Interrompemos uma linha ou duas e as deixamos se abrir nas profundezas do espírito, estender suas asas brilhantes e nadar como peixes coloridos em águas turvas:

² Gigantesco penhasco de pedra famoso na Inglaterra por ter sido palco de inúmeros suicídios (N. T.).

“... and oft at eve
Visits the herds along the twilight meadows
Wandering in thick flocks along the mountains
Shepherded by the slow, unwilling wind –”

Ou então encontramos uma novela inteira de três volumes para ser ponderada e isolada em um verso de Hardy ou em uma frase de La Bruyère. Banhamo-nos nas cartas de Lamb (alguns escritores de prosa são para ser lidos como poetas) e encontramos, – “Eu sou um assassino sanguinário do tempo e mato-lo-ia pedacinho por pedacinho agora mesmo. Porém a cobra é vital” – e quem será capaz de explicar o prazer que aí sentiremos? Ou de abrir Rimbaud e ler:

“O saisons, o châteaux
Quelle ame est sans défauts?”

e tentar racionalizar o encanto? Na doença as palavras parecem gozar de uma qualidade mística. Nós apreendemos o que está para além de seu significado superficial, agarramos instintivamente isto, aquilo, e mais aquilo outro – um som, uma cor, uma ênfase, uma pausa que o poeta, ciente de que as palavras são muito pobres em comparação com as idéias, semeou por sua página a fim de evocar, todas juntas, um estado de espírito que não se encerra em nenhuma palavra ou em nenhuma frase e que nem a razão consegue explicar. A incompreensão exerce, de uma maneira mais legítima do que talvez os justos concederão, um grande poder sobre nós. Na saúde, o significado é lesado pelo som. Nossa inteligência impera sobre nossos sentidos. Mas na doença, com a polícia de folga, rastejamos sob algum poema obscuro de Mallarmé ou de Donne, alguma oração em latim ou grego, e as palavras presenteiam-nos com seus perfumes e dançam como folhas, e nos matizam de luzes e sombras. E se, por fim, apreendemos-lhes o significado, ele é muito mais rico porque gradualmente despontou com toda a força de suas asas. Estrangeiros, para os quais a língua é estranha, tem uma vantagem sobre nós. Os chineses devem escutar o que *Antônio e Cleópatra* tem a dizer melhor do que nós.